

TEXTOS LITERÁRIOS

Caminho suave

Jorge Miguel Marinho¹

“O que havia dentro de um livro?”, o menino imaginou. “O que acontecia dentro das palavras que viviam dentro de um livro?”, ele pensou, quase soletrando a frase. “O que existia dentro do seu nome?”, perguntou para o seu rosto dentro do espelho.

Ele era um garoto vivendo dentro de uma curiosidade assustada demais para quem tinha apenas nove anos e até gostava da sua timidez que parecia prometer um destino solitário e feliz... Nunca havia tocado num livro, mas as palavras já se revelavam para ele como puríssima inquietação. Explico melhor: o menino dessa história morava no Tucuruvi que, lá longe, naquele tempo, só contava com um ônibus que passava de duas em duas horas, a três quilômetros da casa dele. Era filho de pais simples e corretos, de uma simplicidade franciscana. Tinha um irmão levado e veloz, quase mau caráter. E estudava numa escola lá longe no morro, com apenas duas salas de madeira, sem biblioteca, com professoras sempre grávidas e um banheiro que ficava quase depois do terreno baldio. Tudo lá longe, até os livros, que não existiam para ele.

O menino já sabia o que era livro e o que um livro lhe prometia: histórias e mais histórias. Ele adorava promessas e esperava.

Enquanto o livro não vinha – porque livro era difícil de ter e ficava lá longe –, ele ouvia as novelas da Rádio São Paulo, que eram cheias de histórias, só que sem páginas e sem palavras, suspensas por linhas invisíveis – isso porque o menino também adivinhava.

Mas chega uma hora em que tudo acontece.

O dia em que o garoto se perguntou “o que havia dentro de um livro?”, ele estava imóvel, acontecendo somente para dentro, com

uma cartilha nas mãos que prometia uma viagem lá longe, ou uma história de amor, ou uma aventura com o menino e a menina da capa, um herói e uma heroína que mal se conheciam. O nome do livro era *Caminho suave* e, muito antes de abrir a primeira página, ainda na expectativa deliciosa da capa, era um caminho que ia...

Foi aos poucos, aula após aula, que o garoto foi descobrindo, com puríssimo desencanto, que o caminho só ia... Era um caminho que não duvidava, um caminho que ia em frente, um caminho que só sabia chegar a um lugar onde nada acontecia porque “o bebê era bobo de tanto que babava, o dado não dava nada a ninguém, só se dava para o Didi, a cajuada tinha o vício da obviedade, era de caju, o gato morria de tédio na língua do miau, e que moleque mais mesquinho era aquele que só conseguia dizer ‘O navio é meu!’”.

Foi então, num dia não muito longe do terreno baldio, que o menino entendeu que as palavras também podiam ser dele, e não era tão difícil assim mudar de caligrafia.

De repente “o bebê miava, o garoto comia a comida do gato e ficava asmático, o pato pulava dentro da panela de pipoca e virava um rato que roía o rabo do tatu que tinha no mato, lá longe, um retrato com duas tatuagens na testa do rei de Tatuí até chegar na Zazá com za, ze, zi, zo, zu e acento no ú dessa última sílaba, igual àquela palavrinha na parede do banheiro”.

“Que bom que havia coisas dentro das palavras”, ele não escrevia, só guardava em silêncio dentro do pensamento, por puríssima felicidade.

Recebido em março de 2009 e aceito em julho de 2009.

¹ Professor de Literatura e escritor com mais de 25 títulos publicados, entre eles *A visitação do amor* (prêmio O Melhor Livro para o Jovem, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e *Te dou a lua amanhã* (prêmio Jabuti). E-mail: jmm13@terra.com.br